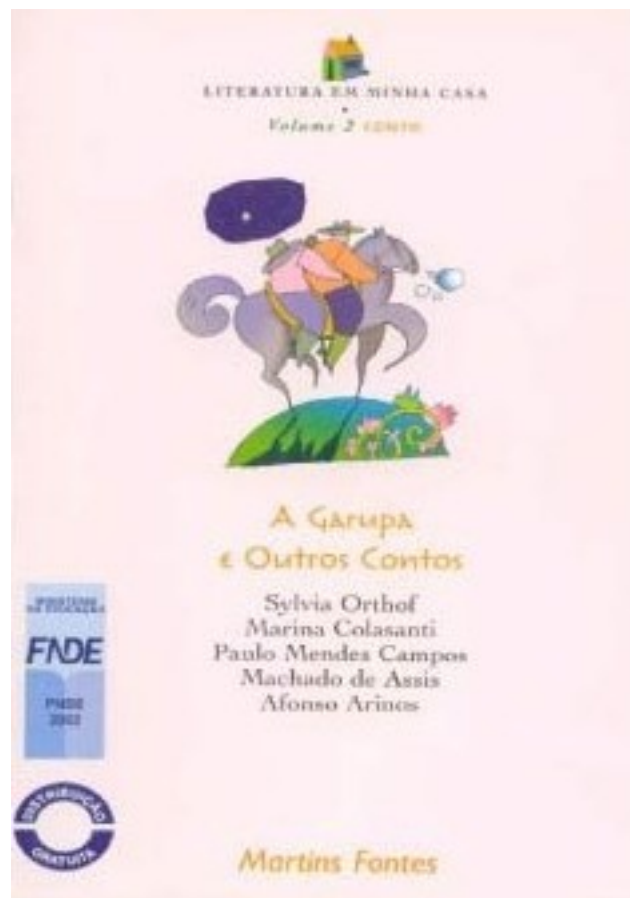




A Garupa e Outros Contos

Literatura em minha casa

Conto

Sylvia Orthof
Marina Colasanti
Paulo Mendes Campos
Machado de Assis
Afonso Arinos

Por que ler contos

Amigo leitor

Você vai ler agora um livro de contos. O que é um conto?

O escritor Mário de Andrade dizia: conto é tudo o que você chamar de conto. Não esclareceu muita coisa, não acha?

Vamos falar mais claro: conto é uma narrativa que pode ser contada oralmente ou por escrito. Pode-se dizer que o ser humano já surgiu contando contos. Tudo o que via, descobria ou pensava dava origem a uma história, que ele aumentava ou modificava usando sua imaginação. Antes do surgimento da escrita, os desenhos nas cavernas foram uma maneira de registrar essas histórias.

Mas aqui vamos tratar do conto escrito. O conto é mais curto do que a novela e do que o romance. Tem um número reduzido de personagens e conta apenas uma história, que se passa num curto espaço de tempo e em poucos lugares.

Essas personagens podem ser pessoas, bichos ou máquinas e elementos da natureza que adquirem vida. Os contos podem ser românticos, de aventura, de terror. Também há os contos psicológicos, que falam mais do interior das personagens, do que elas sentem. Os contos maravilhosos são contos de fadas e bruxas, reis e rainhas, príncipes e princesas.

Alguns contos narram histórias que, mesmo não sendo verdadeiras, poderiam muito bem ter acontecido na vida real.

Outros se inspiram em histórias verdadeiras para criar situações absurdas, totalmente imaginárias, que nunca poderiam acontecer na realidade. Enfim, há contos de todos os tipos.

Geralmente o conto não tem uma história muito movimentada.

Ele deixa transparecer mais os sentimentos das personagens do que suas ações. Por isso, ele faz pensar, desperta alegria ou tristeza, faz o leitor sentir o gosto de se emocionar.

Então, vamos conhecer alguns dos melhores contos criados por escritores brasileiros?

Elias José

Os contos e seus autores

"A garupa e outros contos" é uma antologia, uma reunião de contos.

Uma antologia nunca é organizada ao acaso, sempre existe um critério para selecionar determinados textos. Neste livro, foram incluídos cinco contos de autores brasileiros importantes.

"Bruzundunga da Silva", de Sylvia Orthof, é um conto humorístico, de uma autora de grande importância para a literatura infanto-juvenil atual.

"Palavras aladas", de Marina Colasanti, não se passa no Brasil nem em outro lugar determinado. Não é um conto que faz rir. É uma crítica social, que faz refletir muito.

"Fábula eleitoral para crianças", de Paulo Mendes Campos, tem mesmo algumas características de fábula: personagens do reino animal, vegetal e mineral confabulam como se fossem humanos.

"Conto de escola" é de Machado de Assis, o autor mais importante da literatura brasileira. É uma história de corrupção e denúncia, dentro do ambiente rígido de uma sala de aula do século XIX, no Rio de Janeiro.

"A garupa", escrito por Afonso Arinos no início do século XX, retrata o mundo rural mineiro. Este foi um dos primeiros autores brasileiros a trazer para a literatura a linguagem do sertão.

Na leitura destes contos, portanto, você vai viver uma grande variedade de emoções.

Elias José

Sylvia Orthof nasceu em 3 de setembro de 1932, no Rio de Janeiro, e faleceu em Petrópolis (RJ), em 24 de julho de 1997. Foi professora de televisão e teatro, onde se consagrou como atriz, diretora, cenógrafa e escritora. Deixou vasta obra escrita que se caracteriza pelo humor e pela inteligência. Ganhou inúmeros prêmios pelos seus trabalhos.

Marina Colasanti nasceu na Etiópia (hoje Eritéia) em 1937. Viveu na Itália e veio para o Brasil, onde mora. Trabalhou na imprensa como editora e cronista, foi tradutora de dezena de livros e publicou várias obras. Seus contos são muito apreciados, e o mais famoso é “Uma idéia toda azul”.

Paulo Mendes Campos nasceu em Recife (PE), em 28 de fevereiro de 1922, e morreu em 1991, na cidade do Rio de Janeiro.

Ficou famoso por seus contos. Publicou poemas, foi hábil tradutor de língua inglesa e francesa.

(Joaquim Maria) Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e faleceu na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. É considerado o nosso maior escritor. Deixou livros de poemas, contos e romances.

Afonso Arinos (de Melo Franco) nasceu em Paracatu (MG), em 1868, e faleceu em Barcelona (Espanha), em 1916. Foi jornalista e escritor, destacando-se por seus contos regionais mineiros.

Lúcia Brandão é desenhista autodidata, nascida em São Paulo, em 24 de dezembro de 1959.

Quando adolescente, cursou a Escola Panamericana de Arte. Fez ilustrações para várias editoras, revistas e jornais (Globo, Abril, “Folha de S. Paulo”, etc.).

Sumário

SYLVIA ORTHOF

Bruzundunga da Silva

MARINA COLASANTI

Palavras aladas

PAULO MENDES CAMPOS

Fábula eleitoral para crianças

MACHADO DE ASSIS

Conto de escola

AFONSO ARINOS

A garupa

Glossário

Bruzundunga da Silva

SYLVIA ORTHOF

Cada livro tem uma história... mas este livro que você está começando a ler é um livro diferente. A começar pelo nome: Bruzundunga da Silva.

Você quer saber quem é Bruzundunga da Silva? Eu vou contar, só pra você, a vida dele.

Bruzundunga nasceu numa casa em Laranjeiras, no Rio de Janeiro. Nasceu numa tarde de muito calor, no dia 6 de fevereiro de 1985.

A mãe do livro, a escritora que o escreveu, ficou logo aflita quando Bruzundunga chegou neste mundo. Porque Bruzundunga chegou, olhou em volta... e ficou encharcado.

— Eu não sabia que livro chorava, eu não sabia! — disse a escritora, buscando um lenço para enxugar os olhos do seu filho-livro. — Por que você está chorando, hein? — perguntou pra ele.

— É que eu sou um livro, já nasci sabendo o que me espera. Nasci, olhei aí para os meus irmãos-livros da sua estante, mamãe... buá, buá... eles estão com um ar tão sofrido!

A mãe do livro entendeu o filho, botou no colo, ninou.

Bruzundunga foi crescendo: completou a primeira página.

Para comemorar um aniversário tão importante, a Dona Mãe de Bruzundunga fez uma festa, com bolo de letras, teatro de fantoches, bolas de soprar. O tio, Dicionário de Inglês, veio muito importante e cantou o "Parabéns", dizendo "Happy Birthday to You".

Mas, de repente... Bruzundunga pulou no colo da tia Enciclopédia e recomeçou a chorar:

— Buá, Buá!

— O que foi, filho meu? Mas o que será que aconteceu? — perguntou a Dona Mamãe de Bruzundunga.

— Não sei, mãe... é uma aflição... tenho medo... medo... medo...

— Medo de fantasmas? — perguntou um livro de Hisórias de Botar Cabelo Em Pé, dando um susto em Bruzundunga, pois veio voando, vestido de lençol.

— Ui, ui... que susto, buá, buá! — berrou o livro.

Mamãe Dona Mãe de Bruzundunga não entendia o motivo da aflição de seu filho. Mas mesmo assim o compreendia, porque tentava entender, mas não entendia, entende? Não? Nem eu.

Só sei que era assim.

O livro Bruzundunga cresceu, completou as páginas necessárias para ir ao encontro da luta pela vida. Cresceu meio magrela, sempre dando umas choradinhas. A Dona Mãe de Bruzundunga, ao contrário, nervosa com o nervosismo do filho, desatou a comer farofa com caldo de feijão. Era só o livro-filho demonstrar um nervosinho, Dona Mãe de Bruzundunga corria pra cozinha e desatava a comer, pra ficar calma. O livro ficou magrela, a Dona Mãe, ao contrário, já estava da grossura do NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, por parte de pai, e de ...E O VENTO LEVOU, por parte de mãe.

São livros gordíssimos, talvez porque tenham tido problemas e tenham começado a devorar feijão com farofa, sei lá!

Bruzundunga da Silva, enfim, nervosérrimo, foi para a luta pela vida, fora do escritório da mamãe. Ainda não estava bem com jeito de livro, tinha palavras risxxx, quero dizer, riscaxxxx, ora, tinha riscos e xxxxx, remendos... enfim, era ainda um papel, ou melhor, várias folhas de papel, com cópias de papel carbono, devidamente numeradas e grampeadas.

Bruzundunga foi posto num envelope. A Dona Mãe de Bruzundunga escreveu o nome da editora no tal envelope e enviou as cópias das páginas escritas, aquelas que tinham sido copiadas com carbono.

A editora ficava em São Paulo. Bruzundunga iria pelo correio, lá do Largo do Machado, que é um correio que fica numa praça que tem de tudo: tem trinta e nove mil pombos, uma igreja, um buraco de metrô, bancos com namorados, desquitados, divorciados e amigos em geral. Tem também crianças, barulho de buzinas... e o tal correio.

Bruzundunga tremia dentro do envelope, chorando baixo. Chorou tanto, que o envelope derreteu, furando, e Bruzundunga fugiu. Logo que Bruzundunga

escapuliu, a Dona Mãe de Bruzundunga, muito distraída, foi colocar o envelope no correio, mas jogou-o dentro do buraco do metrô, lá do Largo do Machado. Em vez de selo, Dona Mãe de Bruzundunga havia comprado uma passagem de metrô, que colara, com cuspe, no envelope.

Depois, Dona Mãe de Bruzundunga atravessou a praça, o tal Largo do Machado, para comer feijão com farofa num restaurante da esquina, por nervosismo.

Mãe quando se separa de filho fica assim, geralmente. Tem algumas que ficam aliviadas, dependendo do momento... porque nenhuma pessoa é igual a outra.

Bruzundunga da Silva, livre do seu envelope, que foi enviado de metrô pra não sei onde, ficou assim, fungando, no meio dos pombos do Largo do Machado.

Bruzundunga era branco. Veio um vento, abriu suas páginas... e de repente ele voou junto com os pombos.

Olhando de longe, cá de baixo, ninguém saberia dizer quem era pombo e quem era Bruzundunga. Bruzundunga ficou assustado, vendo a igreja lá embaixo... mas bateu suas asas de papel, voou e gostou.

Foi aí que Bruzundunga conheceu Bernardina, uma pomba roliça, bonitona. Dizem até que Bernardina e Bruzundunga tiveram um caso de amor, um caso rápido, porém lindo: coisa de muita asa e vôo.

A noite chegou. Todos os pombos foram comer milho.

No Largo do Machado tem uma velha, chamada Dona Pipoca, que todas as tardes leva milho para os pombos.

Bruzundunga, achando que era pombo, viu os pombos comerem milho e... nhoc! avançou, também. Mas não conseguiu engolir. Ficou tossindo, tossindo... até que Bernardina deu um tapa nas costas dele. O tapa foi tão forte que Bruzundunga subiu, subiu, depois desceu, desceu... e foi planando, planando, até cair dentro de uma coisa escura e quente.

— Ui, ui... buá... buá... — choramingou Bruzundunga.

— Mas é o meu filho! — gritou a mãe, a Dona Mãe de Bruzundunga, pescando o lambuzado filhote de dentro do prato de caldo de feijão. Ela não saía ainda do restaurante.

— Mãe! — exclamou o filho.

— Filho! — exclamou a mãe.

— Mãezinha queridinha! — reexclamou o filho.

— Filhotinhozinho queridozinho! — reexclamou a mãe.

Os dois, abraçadíssimos, voltaram para casa. As cigarras continuavam a cantar, porque ainda era verão.

Finalmente, depois de muito conversarem, depois de muito choro, feijão e farofa, os dois resolveram que tinham que crescer.

A mãe despediu-se do filho, levou-o para a caixa do correio mesmo.

O envelope tinha uma fralda dentro, que era para o caso de Bruzundunga chorar e evitar que o envelope ficasse molhado e tudo acontecesse de novo.

O editor leu o livro, ou melhor, o editor leu as páginas, fez um contrato com a escritora. Teve um momento em que a escritora pediu mais um dinheirinho, meio envergonhada... mas, afinal, escrever livros era a profissão dela, não é? E tudo ficou combinado.

Bruzundunga ficou conhecendo o ilustrador, que desenhou a história da sua vida. Depois, foi para a gráfica... e saiu assim, livro mesmo.

Aliás, ele virou milhares de exemplares iguais.

Quando ele está numa livraria, todo bonito, exposto para ser vendido, e alguém chega, olha pra ele, gosta e compra... aí, Bruzundunga fica feliz, feliz... e parece até que engorda, pois fica inchado.

Mas tem certas gentes que olham para um exemplar de Bruzundunga, torcem o nariz e dizem:

— Gastar dinheiro com livro? Para quê? Criança lê, depois não liga... É dinheiro jogado fora!

Quando isso acontece, Bruzundunga chora, se desmancha todo: molha a estante, desbota, encharca a livraria. Vira um problema, dizendo:

— É por causa disso que eu já chorava, quando ainda era um bebê-papel-texto-e-pauta... buá... buá... Os meus irmãos livros, logo que eu nasci, me contaram das dificuldades pelas quais passa um livro... buá... livro sofre!

Quando Bruzundunga completou a segunda edição, aí ele já ficou menos chorão. Olhava bem pra cara das pessoas que não gastavam com livros, mas gastavam com sorvetes e sanduíches. E quando uma daquelas gentes dizia:

— Comprar livro é besteira... A gente compra um livro para uma criança,

depois a criança lê e joga pro lado...

Bruzundunga olhava bem pra cara dessas gentes, botava a língua de fora, fazia uma careta amassada e respondia, malcriado:

— É? É, não é? Quer dizer que livro é besteira, porque a pessoa lê e depois joga para um lado? E sorvete? A pessoa come... e depois? Depois... o que é que acontece com o sorvete e o sanduíche, hein? Depois de comido, digerido... vira o quê, hein? E quer saber de uma coisa? Você não merece livro, tá? Quem quiser gostar de mim, vai gostar de mim... e pode até, de vez em quando, me querer de novo, reler minha história. Falei e disse!

Bruzundunga não queria contar uma história assim, que diz que livro é importante, coisas de moral de história. Ele nem foi escrito para isso... mas é que, sem querer, livro também sente, né? E Bruzundunga resolveu falar bem dele mesmo, porque Bruzundunga resolveu, ora!

Mas neste instante Bruzundunga está inchando de felicidade!

Porque você é legal: gosta de sorvete, sanduíche... e livro... porque, se não gostasse, não ia querer saber de Bruzundunga até aqui, não é mesmo?

E a Dona Mãe de Bruzundunga?

Ela está com medo das críticas sobre Bruzundunga... está nervosa... e come feijão com farofa... e mais feijão com farofa... mas, nos intervalos, lê e escreve, ora! É isso aí.

E Bernardina, a pomba?

Ela não gosta de ler: come pipoca... e descome, come e descome... mas não liga pra livrarias. Sabe por quê?

Bernardina é míope, não usa óculos porque é vaidosa. E, sem óculos, ela só gosta de livro quando pensa que livro é pombo, como aconteceu com Bruzundunga.

Tem pomba que é assim, pombas!

* * *

Palavras Aladas

MARINA COLASSANTI

Silêncio era a coisa de que aquele rei mais gostava. E de que, a cada dia, mais parecia gostar. Qualquer ruído, dizia, era faca em seus ouvidos.

Por isso, muito jovem ainda, mandou construir altíssimos muros ao redor do castelo. E logo, não satisfeito, ordenou que por cima dos muros, e por cima das torres, por cima dos telhados e dos jardins, passasse imensa redoma de vidro.

Agora sim, nenhum som entrava no castelo. O mundo podia gritar lá fora, que dentro nada se ouviria. E mesmo a tempestade fez-se muda, sem que rolar de trovão ou correr de vento perturbassem a serenidade das sedas.

— Ouçam que preciosidade — dizia o rei. E toda a corte se calava ouvindo embevecidamente coisa alguma.

Mas, se os sons não podiam entrar, verdade é que também não podiam sair. Qualquer palavra dita, qualquer espirro, soluço, canto, ficava vagando prisioneiro do castelo, sem que lhe fossem de valia fresta de janela ou porta esquecida aberta. Pois, se ainda era possível escapar às paredes, nada os libertava da redoma.

Aos poucos, tempo passando sem que ninguém lhe ouvisse os passos, palavras foram se acumulando pelos cantos, frases serpentearam na superfície dos móveis, interjeições salpicaram as tapeçarias, um miado de gato arranhou os corredores.

E tudo teria continuado assim, se um dia, no exato momento em que sua majestade recebia um embaixador estrangeiro, não atravessasse a sala do trono uma frase desgarrada. Frase de cozinheiro que, sobrepondo-se aos elogios reais, mandou o embaixador depenar, bem depressa, uma galinha.

Mais do que os ouvidos, a frase feriu o orgulho do rei.

Furioso, deu ordens para que todos os sons usados fossem recolhidos, e para sempre trancados no mais profundo calabouço.

Durante dias os cortesãos empenharam-se naquele novo esporte que os levava a sacudir cortinas e a rastejar sob os móveis. A audição certa abatia

exclamações em pleno vôo. Algemava rimas, desentocava cochichos. Uma condessa encheu um cesto com um cento de acentos. Um marquês de monóculo fez montinhos de monossílabos. E houve até quem garantisse ter apanhado entre os dedos delicado “não” de uma donzela. Enfim, divertiram-se tanto, tão entusiasmados ficaram com a tarefa, que acabaram por instituir a Temporada Anual de Caça à Palavra.

De temporada em temporada, esvaziava-se o castelo de seus sonhos, enchia-se o calabouço de conversas. A tal ponto que o momento chegou em que ali não cabia mais sequer o quase silêncio de uma vírgula. E o mordomo real viu-se obrigado a transferir secretamente parte dos sons para aposentos esquecidos do primeiro andar.

Foi portanto por acaso que o rei passou diante de um desses cômodos. E passando ouviu um: murmúrio, rasgo de conversa. Pronto a reclamar, já a mão pousava na maçaneta, quando o calor daquela voz o reteve. E, inclinado à fechadura para melhor ouvir, o rei colheu as lavas, palavras, com que um jovem, de joelhos talvez, derramava sua paixão aos pés da amada.

A lembrança daquelas palavras pareceu voltar ao rei de muito longe, atravessando o tempo, ardendo novamente no peito. E em cada uma ele reconheceu com surpresa sua própria voz, sua jovem paixão. Era sua aquela conversa de amor há tantos anos trancada. Fio da longa meada do passado, vinha agora envolvê-lo, religá-lo a si mesmo, exigindo sair de calabouços.

— Que se abram as portas! — gritou comovido, pela primeira vez gostando do seu grito, ele que sempre havia falado tão baixo. E escancarou os batentes à sua frente.

— Que se abram as portas! — correu o grito da sala ao salão, da escada ao jardim, muro acima, até esbarrar na cúpula de vidro, e voltar, batendo no queixo majestoso.

— Que se derrube a redoma! — lançou então o rei com todo o poder de seus pulmões. — Que se abatam os muros!

E desta vez vai o grito por entre o estilhaçar, subindo, planando, pássaro-grito que no azul se afasta, trazendo atrás de si em revoada frases, cantigas, epístolas, ditados, sonetos, epopéias, discursos e recados, e ao longe – maritacas —

um bando de risadas. Sons que no espaço se espalham levando ao mundo a vida do castelo, e que, aos poucos, em liberdade se vão.

* * *

Fábula eleitoral para crianças

PAULO MENDES CAMPOS

Um dia, as coisas da natureza quiseram eleger o rei ou a rainha do universo. Os três reinos entraram logo a confabular.

Animais, vegetais e minerais começaram a viver uma vida agitada de surtos eloqüentes, manobras, recados furtivos, mensagens cifradas, promessas mirabolantes, ardis, intrigas, palpites, conversinhas ao pé do ouvido.

Entre os bichos era um tumulto formidável. Bandos de periquitos saíam em caravana eleitoral, matilhas de cães discursavam dentro da noite, cáfilas de camelos percorriam os desertos, formigas realizavam comícios fantásticos, a rainha das abelhas passava com o seu séquito, sem falar nos cardumes de peixes, nos lobos em alcatéias pelos montes, nas manadas de búfalos pelas savanas, nas revoadas instantâneas dos pombos-correios.

Todas as qualidades eram postas à prova: a astúcia da raposa, a agilidade dos felinos, o engenho dos cupins, o siso da coruja, o poder de intriga das serpentes, a picardia do zorro, a doçura da pomba, a teimosia do burro, o cosmopolitismo dos ratos.

O leão, o tigre, a pantera, o leopardo e os outros queriam derramar muito sangue; os pássaros coloridos faziam frente única para indicar um pássaro colorido; já os pássaros que cantam decidiam apontar como candidato o rouxinol, a cotovia, a patativa; as cegonhas, irresolutas, passavam as tardes pensando; os patos selvagens desfilavam no céu; as andorinhas, tímidas, buscavam o refúgio das igrejas; e a águia, fascista de nascença, pretendia organizar lá no alto uma conferência de que só participassem as aves de rapina, como o falcão, o condor e o gavião-de-penacho.

Os papagaios viviam a arengar bobagens pelas árvores; a raposa corria as várzeas articulando uma candidatura, ninguém sabia qual; os macacos eram vaiados quando alegavam a semelhança com o homem; o cavalo se insinuou candidato, dando a sua condição de antigo senador; o pavão, escondendo os pés, exibia a cauda; nos brejos, os sapos repetiam “slogans” monótonos; os jacarés e as tartarugas ressonavam na beira dos rios, que passavam levando sussurros quase imperceptíveis, a conversar as pedras e as ervas das margens; o rato do campo ia de vez em quando se aconselhar com o rato da cidade; os gansos citavam velhos costumes romanos; certos bichos, como o boi e a íbis, invocavam direitos divinos, que não eram mais levados a sério; as hienas e os chacais opinavam por um conselho de notáveis, a ser constituído pelos animais ferozes, que lhes deixavam os restos; até a ameba, coitada, queria ser candidata, dizendo-se a origem da vida.

A mosca azul voava e revoava por todos os cantos.

Quem será o rei ou a rainha do universo? De dia, as borboletas andavam como doidas pelos campos, à noite, os vaga-lumes acendiam as suas luzes.

Nas profundezas da terra, o carbono fazia estranhas combinações com o hidrogênio. O diamante e o ouro reluziam de esperança. As estrelas pretendiam uma coalizão de todo o espaço constelado em torno de Vênus, causando ciúmes à Lua.

As flores distribuíam perfumes. Árvores agitadas recebiam recados que os ventos traziam de longe. A floresta pensava eleger não um rei, mas um colegiado de carvalhos, velhos, cheios de experiência. E por toda a flora era um germinar, um brotar, um verdejar, um florescer. Os monocotiledôneos discordavam dos dicotiledôneos, os fanerógamos acusavam de hipocrisia os criptógamos. A plena campanha eleitoral com todos os incidentes. Só os ciprestes continuavam fechados em sua indiferença.

A despeito dos interesses em choque, e de tantas contradições, é preciso dizer, a bem da verdade, que o pleito transcorreu com a máxima lisura.

Ao fim de tudo, a escolha não podia ter sido mais feliz, pois os três reinos unidos elegeram a rosa rainha suprema do universo.

Sim, a rosa, a rosa na sua simplicidade tocada de esplendor, presa na sua haste entre o céu e a terra, eterna e efêmera, a rosa, carne, espírito e pó. E, para entronizar a rainha, o dia se iluminou com a sua luz mais clara, o mar se fez manso,

os pássaros cantaram com inspiração, as árvores se puseram mais verdes e mais altas, as flores vestiram roupagens de gala, os seixos rolaram alegremente nas praias, os juncos das lagoas se inclinaram em reverência, as nuvens se desfraldaram como cortinas de gaze sobre o berilo. No fundo do mar era uma alegria silenciosa e solene como um “te-déum” em uma catedral verde-escura, os polvos gesticulando em câmara lenta, os peixes e as medusas passando sem barulho.

Entre os seres humanos, só as crianças sabiam que era o dia da entronização da rosa, e nada contaram a ninguém. Mas pelo jardim onde se achava a rosa, expectante no seu recato soberano, passava naquela manhã um homem feio e preocupado. Era um candidato a qualquer coisa, a vereador, a deputado, a Presidente da República, não se sabe ao certo. Distraído com as suas ambições, ele colheu a rainha do universo, que entrou logo a fenecer em suas mãos úmidas. Depois, olhou e viu que se tratava de uma bela rosa, uma rosa digna de se oferecer a uma namorada. Mas ele não tinha namorada. Mal-me-quer, bem-me-quer, mal-me-quer... Ele começou a desfolhar a rosa só para saber se dessa vez seria eleito: à Câmara de vereadores, de deputados ou à curul da Presidência da República, não se sabe ao certo. E a rosa morreu.

E foi por isso que o dia se fechou de repente, o céu ficou escuro, os animais uivaram nos bosques, os pássaros sumiram, o vento se desatou sobre o mar agora encapelado, o raio e o trovão tomaram conta da noite sem estrelas, e as crianças na hora do jantar perderam a fome. Tinha morrido a rainha do universo.

Mas nas trevas desabrochou outra rosa para iluminar com a sua beleza o jardim amanhecido.

* * *

Conto de Escola

MACHADO DE ASSIS

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar

alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar amanhã. Hesitava entre o Morro de São Diego e o Campo de Sant'Ana, que não era então esse parque atual, construção de “gentleman”, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos.

Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— Seu Pilar, eu preciso falar com você — disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo esse pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo — respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua.

Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recordo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo.

Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do Morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir — disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso — murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— Seu Pilar... — murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos.

Um desses, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo,

notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera.

Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscriminação; mas podia ser também alguma coisa entre eles.

Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me queria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou, então, de tarde...

— De tarde, não — interrompeu-me ele —, não pode ser de tarde.

— Então agora...

— Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado: Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória.

E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção.

Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos — Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje?

— Não, no outro dia, quando fiz anos...

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a vagorosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuido que doze vinténs ou dois tostões, não me lembra; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido, depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

— Mas então você fica sem ela?

— Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir.

Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, e eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma idéia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil empregar uma ou outra mentira de criança.

Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação.

Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes; mas parece que a lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria — e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal —, parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor — mas queria assegurar-lhe a eficácia,

e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome — dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação...

— Tome, tome...

Relanceei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco, deitei-lhe outra vez o olho e — tanto se ilude a vontade! — não lhe vi mais nada. Então cobreí ânimo.

— Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorrateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir.

Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição, e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, crescendo que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

— Precisamos muito cuidado — disse eu ao Raimundo.

— Diga-me isso só — murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei

a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo à mamãe que a tinha achado na rua.

Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição com uma grande vontade de espiá-la.

— Oh! seu Pilar! — bradou o mestre, com voz de trovão.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo.

Pareceu-me adivinhar tudo.

— Venha cá! — bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho.

Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? — disse-me o Policarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que esse seu colega lhe deu! — clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua:

E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu

acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados.

Aqui pegou da palmatória.

— Perdão, seu mestre... — soluzei eu.

— Não há perdão! Dê cá a mão! dê cá! vamos! sem-vergonha! dê cá a mão!

— Mas, seu mestre...

— Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que, se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu.

Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo.

Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e, na verdade, por que denunciar-nos?

Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

"Tu me pagas! tão duro como osso!", dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na rua larga de São Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas,

perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A idéia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isso quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles.

Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa:

“Rato na casaca”... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, e depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

A garupa

AFONSO ARINOS

Saímos para o campeio com a fresca da madrugada.

Tínhamos de ir longe e de pousar no campo. Eu tomava conta da eguada, ele era vaqueiro. Vizinhos de retiro na fazenda de meu amo, companheiros de muitos anos, não largávamos um do outro. Sempre que havia uma folgazinha, ou ele vinha para o meu rancho, ou eu ia para o rancho dele.

Às vezes, quando meu amo queria perguntar por nós aos outros vaqueiros e camaradas, dizia:

— Onde estão a corda e a caçamba?

Vancê bem pode imaginar, patrão, que tábua eu não carrego, que dor me não dói bem no fundo do coração, desde aquele triste dia.

Como eu lhe ia dizendo, nós saímos com a fresca. Por sinal que, naquele dia, compadre Quinca estava alegre, animado como poucas vezes. Ainda me lembra que o cavalo dele, um castanho estrelo calçado dos quatro pés, a modo que não queria sair do terreiro. Quando nós fomos passando perto do cocho da porta, ou ele viu alguma coisa lá dentro ou que, o diacho do cavalinho virou nos pés.

O defunto Joaquim — coitado! Deus lhe dê o céu! — juntou o bicho nas esporas, jogou-o para a frente e, num galão, quase ralou a perna no rebuço do telhado de mei'água dos bezerros.

Saímos.

Quando fomos confrontando com a lagoa da Caiçara ele ganhou o trilho para umas barrocas, lá embaixo, onde diziam que duas novilhas tinham dado cria e que um dos bezerros estava com bicheira no umbigo.

Eu torci para o logradouro das éguas, cá para a banda do cerrado de cima.

— Está bom. Então, até, compadre!

— Se Deus quiser, meu compadre!

Não sei o que falou por dentro dele, porque, naquele mesmo suflagrante, ele virou para mim e disse:

— Qual, compadre! Vamos juntos. Assim como assim, a gente não pode chegar à casa hoje. Pois então, a gente viageia junto, e da Água Limpa eu torço lá para Fundão, para pegar as novilhas; vancê apanha lá adiante o caminho do

logradouro.

Eu já ia indo um pedaço, quando dei de rédeas para trás e ajuntei-me outra vez com o compadre. Parece que ele estava adivinhando!

E fomos indo, conversa tira conversa, caso puxa caso.

Eta, dia grande de meu Deus!

Ainda na beira de um corguinho, lá adiante, eu tirei dos alforjes um embornal com farinha, fiz um foguinho e assamos um naco de carne-seca, bem gorda e bem gostosa, louvado seja Deus! Bebemos um gole d'água e tocamos.

Aí, já na virada do dia, o compadre me disse:

— Compadre, vancê vai andando, que eu vou descer àquele buraco. Pode ter alguma rês ali. A modo que eu vi relampear o lombo daquela novilha chumbadinha, que anda sumida faz muito tempo.

Ele foi descendo para o buraco e eu segui meu caminho pelos altos. Com pouca dúvida, ouvi um grito grande e doído:

— Aiiii!

Acudi logo:

— Que é lá, compadre! — e apertei nas esporas o meu queimado.

Não le conto nada, patrãozinho! Quando cheguei lá, o castanho galopava com os arreios e meu compadre estava estendido numa moita de capim, com a cabeça meio para baixo e a mão apertada no peito.

— Que é isto, meu compadre? Não há de ser nada, com o favor de Deus!

Apalpei o homem, levantei-lhe a cabeça, arrastei-o para um capim, encostei-o ali, chamei por ele, esfreguei-lhe o corpo, corri lá embaixo, num olho-d'água, enchi o chapéu, quis dar-lhe de beber, sacudi-o, virei, mexi: nada!

Estava tudo acabado! O compadre morrera de repente; só Deus foi testemunha.

E agora, como é, Benedito Pires? Peguei a imaginar como era, como não era: eu sozinho e Deus, ou melhor, abaixo de Deus, o pobre do Benedito Pires; afora eu, o defunto e os dois bichos, o meu cavalo e o dele. Imaginei, imaginei... Dali à casa era um pedaço de chão, umas cinco léguas boas; ao arraial, também cinco léguas. Tanto fazia ir à casa, como ao arraial. Mais perto, nenhum morador, nem sinal de gente!

Largar meu compadre, eu não podia: amigo é amigo! Demais, estava ficando tarde. Até eu ir buscar gente e voltar, o corpo ficava entregue aos bichos do mato, onça, ariranha, tatu-peba, tatu-canastra... Nem é bom falar! Levar o corpo para a casa e de lá para o arraial, era andar dez léguas, não contando o tempo de ajuntar gente em casa para carregar a rede. Assim, assentei que o melhor era fazer o que eu fiz. Distância por distância, decidi levar o compadre direito para o arraial onde há igreja e cemitério.

Mas, ir como? Aí é que estava a coisa. Pobre do compadre!

Banzei um pedacinho e tirei o laço da garupa. Nós, campeiros, não largamos o nosso laço. Antes de ficar duro o defunto, passei o laço embaixo dos braços dele — coitado! — joguei a ponta por cima do galho de um jatobá e suspendi o corpo no ar. Então, montei a cavalo e fiquei bem debaixo dos pés do defunto. Fui descendo o corpo devagarinho, abrindo-lhe as pernas e escarranchando-o na garupa.

Quando vi que estava bem engarupado, passei-lhe os braços por baixo dos meus e amarrei-lhe as mãos diante do meu peito. Assim ficou, grudado comigo. O cavalo dele atufou-se no cerrado.

— Lá se avenha! — pensei. — Tomara eu tempo para cuidar do pobre do dono!

Caminho para o arraial era um modo de falar. Estrada mesmo não havia: mal-mal uns trilhos de gado, uns cortando os outros, trançando-se pelos campos e sumindo-se nos cerradões.

Tomei as alturas e corri as esporas no meu queimado, que, louvado Deus, era bicho de fiança; nunca me deixou a pé e andou sempre bem arreadinho.

O sol já estava some-não-some atrás dos morros; a barra do céu, cor de açafraão; as jaós cantavam de lá, as perdizes respondiam de cá, tão triste!

Quando eu ganhei o espinhaço da serra, lá em cima, as nossas sombras, muito compridas, estendiam as cabeças até ao fundo do boqueirão.

Era tempo de escuro. O que ainda me valeu, abaixo de Deus, foi que estava chegando o meio do ano, e nessa ocasião, a estrela do pastor nasce de tarde e alumia pela noite adentro.

Enquanto foi dia, ainda que bem; mas, quando a noite fechou deveras e eu

não tinha no meio daquele campo outra claridade senão a da estrela, só Noss'enhô sabe por que não acompanhei o compadre para o outro mundo, rodando por alguma perambeira, ou caindo com o seu corpo no fundo de algum grotão.

Nos cerradões, ou nos matos, como no da beira do ribeirão, eu não enxergava, às vezes, nem as orelhas do meu queimado, que descia os topos gemendo. O compadre, aí rente. O que vale é que "macho que geme, a carga não teme", lá diz o ditado.

Toquei para diante: sobe morro, desce morro, vara chapada, fura mato, corta cerradão. salta córrego — eu fui andando sempre. O defunto vinha com o chapéu de couro preso no pescoço pela barbela e caído para a carcunda. Quando o queimado trotava um pouco mais depressa, o chapéu fazia — pum, pum, pum. O compadre a modo que estava esfriando demais.

Não sei se era porque fosse mesmo tempo de frio, eu peguei a sentir nas costas uma coisa que me gelava os ossos e chegava a me esfriar o coração. Jesus! que friúra aquela!

A noite ia fechando, fechando. Eu já seguia não sei como, pois tinha de andar só pelo rumo. O queimado, às vezes, refugava aqui, fugia dacolá, cheirava as moitas e bufava. Pelo barulho d'água, eu vi que nós íamos chegando à beira do ribeirão. Tinha aí de atravessar uma mataria braba, por um trilho de gado. Insensivelmente, eu fugia de um galho, negava o corpo a outro, virando na sela campeira. A cabeça do compadre, que, no princípio, batia de lá para cá e, às vezes, escangotava, endureceu, e o queixo dele, com a marcha do animal, me martelava a apá.

Fui tocando. Dentro da mataria, passava um ou outro vaga-lume, e havia uma voz triste, grossa, vagarosa, de algum pássaro da noite que eu não conheço e que cantava num tom só, muito compassado, zoando, zoando...

Em certa hora parecia que meu cavalo marchava num terreno oco: ao baque das passadas respondia lá no fundo outro baque e o som rolava como um trovão longe. A ramaria estava cerrada por cima de minha cabeça, que nem a cobertura do meu rancho. O trilho a modo que ia ficando esconso, porque o queimado não sabia onde pisar; chegou uma horinha em que ele pegou; a patinhar para cima, para baixo, de uma banda e de outra, sem adiantar um passo.

O bicho parecia que estava ganhando força para fazer alguma.

Não levou muito tempo, ele mergulhou aqui para sair lá adiante, descendo ao fundo de um buraco e galgando um tope aos arrancos, escorrega aqui, firma acolá.

Nesse vaivém, nesse balanço dos diabos, o corpo do compadre pendia pra lá, pra cá. Uma vez ou outra, ele ia arcando, arcando; a cara dele chegava mais perto da minha e — Deus me perdoe! — pensei até que ele queria me olhar no rosto.

Eu ia tocando toda-vida. Mas, aquele frio, ih! Aquele frio foi crescendo, foi me descendo para os pés, subindo para os ombros, estendendo-se para os braços e encarangando-me os dedos. Eu já quase não senti as rédeas, nem os estribos.

Aí, por Deus! eu não enxergava nem as pontas das orelhas do queimado; a escuridão fechou de todo e o cavalo não pôde romper. Corri-lhe as esporas; o bicho era de espírito, eu bem sabia; mas bufava, bufava, cheirando alguma coisa na frente e refugava... Tanto apertei o bicho nas esporas, que, de repente, ele suspendeu as mãos no ar... O corpo do compadre me puxou para trás, mas eu não perdi o tino. Tinha confiança no cavalo e debrucei-me para a frente... Senti que o casco do queimado batia numa torada de pau atravessada por cima do trilho.

E agora, Benedito? Entreguei a alma a Deus e bambeeí as rédeas. O cavalo parou, tremendo... Mas, o focinho dele andava de um lado para o outro, cheirando o chão e soprando com força... Com pouca dúvida, ele foi se encostando devagarinho, bem rente do mato; minhas pernas roçavam nos troncos e nas folhas do arvoredo miúdo. Senti um arranco e, com a ajuda de Deus, caí do outro lado, firme nos arreios: o queimado achou jeito de saltar a barreira nalgum lugar favorável.

Toquei para diante. Ah! patrão! não gosto de falar no que foi a passagem do ribeirão aquela noite! Não gosto de lembrar a descida do barranco, a correnteza, as pedras roliças do fundo d'água, aquele vau que a gente só passa de dia e com muito jeito, sabendo muito bem os lugares. Basta dizer que a água me chegou quase às borraínas da sela, e do outro lado, cavalo, cavaleiro e defunto — tudo pingava!

Eu já não sentia mais o meu corpo: o meu, o do defunto e o do cavalo misturaram-se num mesmo frio bem frio; eu não sabia mais qual era a minha perna, qual a dele... Eram três corpos num só corpo, três cabeças numa cabeça, porque só a minha pensava... Mas, quem sabe também se o defunto não estava pensando?

Quem sabe se não era eu o defunto e se não era ele que me vinha carregando na frente dos arreios?

Peguei a imaginar nisso, meu patrão, porque — medo não era, tomo a Deus por testemunha! — eu não sentia mais nada, nem sela, nem rédea, nem estribos. Parecia que eu era o ar, mas um ar muito frio, que andava sutil, sem tocar no chão, ouvindo — porque ouvir eu ouvia — de longe, do alto, as passadas do cavalo, e vendo — eu ainda enxergava também — as sombras do arvoredado no cerrado e, por cima de mim, a boiada das estrelas no pastoreio lá do céu!

Só este medo eu tive, meu patrão — de não poder falar.

Quis chamar por meu nome, para ver se eu era eu mesmo; quis lembrar alguma coisa desta vida, mas não tive coragem de experimentar...

Aí já não posso dizer que marchei para diante: fui levado nessa dúvida, pensando que bem podia ser eu alguma alma perdida naquela noite, zanzando pelos campos e cerrados da terra onde assisti de menino...

E quem sabe também se a noite era só noite para meus olhos, olhos vidrados de defunto? Bem podia ser que fosse dia claro...

Haverá dia e noite para as almas, ou será o dia das almas essa noite em que vou andando?

Essa dúvida, patrão, foi crescendo... E uma hora chegou em que eu não acreditava em mim mesmo, nem punha mais fé no que eu tinha visto antes... Peguei a pensar que era minha alma quem ia acompanhando pela noite fora aqueles três vultos...

Minha alma era um vento, um vento frio, avoando como um curiango arriba das nossas cabeças.

Daí, patrão, enfim, entendi que aquilo tudo por ali em roda era algum logradouro da gente que já morreu, alguma repartição de Noss'enhora, por onde a gente passa depois da morte. Mas, aquele escuro e aquele frio! Sim, era muito estúrdio aquilo. Ou quem sabe se aquilo era um pouso no caminho do outro mundo? Numa comparação, podia bem ser o estradão assombrado por onde a alma, depois de separada do corpo, caminha para onde Deus é servido.

Ah! patrão! o que minh'alma imaginou aquele tempo todo eu não lhe posso contar, não! Sei que fomos embora, aqueles três vultos, um carregando dois e todos

três irmanados da mesma escuridão.

Tocamos.

De repente, peguei a ouvir galo cantar. Uai! Era bem o canto do galo; com pouca dúvida, um cachorro latiu lá adiante. Gente, que é isso? Que trapalhada era essa? Era o compadre que estava ouvindo, ou era eu? Pois, então, Benedito virou de novo Benedito?

Ou é que as coisas por lá são tal e qual as nossas de cá, com pouca diferença? Galo e cachorro eu ouvi. Estive assuntando mais e ouvi o mugido de uma vaca e o berro de um bezerro... Com um tiquinho de tempo mais, eu vi, e vi bem, uma casa e outra e outra ainda! Gente, isso é o arraial: olha a igreja ali!

Não havia dúvida mais: estávamos no arraial e o queimado batia o casco numa calçadinha da rua.

Era eu mesmo, era o meu queimado e o compadre aí rente, na garupa!

Toquei para a casa do sacristão e bati. Custou muito a responder, mas uma janela abriu e uma cabeça apareceu a modo muito assustada.

— Abre a igreja, que tem defunto aqui!

— Cruz, cruz, cruz, Ave Maria! — gritou o sacristão assombrado, e bateu a janela, correndo para dentro da casa.

Eu não insisti mais. Toquei para a porta da igreja, de onde correram assustados uns cabritos. Defronte, o cruzeiro abria os braços para nós. Como havia de ser?

Quem me podia ajudar a descer aquele corpo?

Parei um pedaço, olhando para o tempo.

Aí o frio pegou a apertar outra vez, e uma coisa me fazia uma zoeira nos ouvidos, que nem um lote de cigarras num dia de sol quente. Que frio, que frio! Meu queixo pegou a bater feito uma vara de canelas-ruivas. Turr! turr! O compadre, atracado na minha carcunda, ficou feito um casco de tatu; quando meu calcanhar batia no pé dele, o baque respondia no corpo todo e o queixo dele me fincava com mais força na apá. A porta da igreja pegou a rodar, principiando muito devagarinho; e o cruzeiro a modo que saía do lugar, vinha para mim, subia lá em cima, descia cá embaixo, como uma gangorra, mal comparando.

Peguei a sentir, não sei se na cabeça, não sei mesmo onde, um fogo, que

era fogo lá dentro e cá fora, no meu corpo, nas minhas pernas, nas mãos, nos pés, nas costas era uma friúra, que ninguém nunca viu tão grande!...

Meu braço não mexia, minhas mãos não mexiam, meus pés não saíam do lugar; e, calado como defunto, eu fiquei ali, de olhos arregalados, olhando a escuridão, ouvidos alertas, ouvindo as coisas caladas!

Meu cavalo, entresilhado também de fome, de cansaço e de frio, vendo que a carga não era de cavaleiro, desandou a andar à toa, pra baixo, pra cima, catando aqui-acolá uns fiapos de capim...

Quando eu passava por perto da porta de alguma casa, fazia força e podia gritar:

— Ô de casa! Gente, vem ajudar um cristão! Vem dar uma demão aqui!

Ninguém respondia!

Numa porta em que o cavalo parou mais tempo — porque uma hora meu queimado parecia cavalo de aleijado parando nas portas para receber esmola — apareceu uma cara... E quando eu disse:

— "É um defunto..." — a pessoa soltou um grito e correu para dentro esconjurando...

Mas, as casas todas pegaram a embalançar outra vez, e eu estava como em cima d'água, boiando, boiando..

Parece que o queimado cansou de andar. Lá nos pés do cruzeiro, onde havia um gramado, ele parou...

E foi aí que vieram me achar, de manhãzinha, com os olhos arregalados, todo frio, todo encarangado e duro no cavalo, com o compadre à garupa!

Ah! patrão! amigo é amigo!

Daí para cá eu andei bem doente...

Quantos anos já lá se vão, nem eu sei mais.

O que eu sei, só o que eu sei, é que nunca mais, nunca mais aquele friúme das costas me largou!

Nem chás, nem mezinha, nem fogo, nem nada!

E quando eu ando pelo campo, quando eu deito na minha cama, quando eu vou a uma festa, me acompanha sempre, por toda a parte, de dia e de noite, aquele friúme, que não é mais deste mundo!

Coitado do compadre! Deus lhe dê o céu!

Glossário

As palavras estão explicadas neste glossário só pelo sentido com que são empregadas neste livro.

— A

açafrão — pó de cor amarela bem forte usado como tempero.

alastrado — repleto, cheio.

alforje — saco duplo, posto sobre o lombo do animal para carregar mercadoria.

algibeira — bolso.

ameba — parasita intestinal.

apá — ombro.

aperreado — preso, sem liberdade.

arengar — discutir bobagens.

arquejar — respirar ruidosamente.

astúcia — esperteza, malícia.

atufar-se — embrenhar-se, adentrar.

azinhavrado — coberto de azinhavre ou zinabre, camada verde que se forma no metal.

— B

banzar — pensar, matutar.

berilo — pedra semipreciosa.

boceta de rapé — caixinha para guardar pó de fumo para inalar.

bojar — tornar abaulado, com bojo.

bolo — golpe dado nas mãos com palmatória.

borraina — almofada.

bradar — gritar.

brandir — agitar.

— C

calabouço — prisão subterrânea.

campeio — procura pelo gado no campo.

capitalista — que tem propriedades e dinheiro, rico.

carbono — elemento químico.

chacal — mamífero feroz parecido com o lobo.

cifrada — em código.

coalizão — acordo, aliança.

cobre — dinheiro, material de que são feitas algumas moedas.

cognitiva — relativo ao conhecimento, ao raciocínio.

comichão — coceira.

confabular — conversar sobre assunto secreto.

constelado — cheio de estrelas.

convicção — certeza.

cordovão — couro de cabra.

cosmopolitismo — característica de quem se adapta a qualquer lugar.

criptógamos — plantas que têm os órgãos reprodutores dificilmente visíveis.

cuidar — pensar, imaginar.

cunho — marca em relevo impressa na moeda.

curul — lugar ocupado por pessoa de alto poder.

— D

delação — denúncia; acusação.

desfraldar — soltar ao vento.

dicotiledônea — planta com semente dividida em dois, como por exemplo o feijão.

dissimular — disfarçar.

dubitativa — em que há dúvida.

— E

efêmera — passageira, de pouca duração.
embevecidamente — de modo encantado, fascinado.
encapelado — agitado.
encarangar — ficar sem movimento, paralisar.
enfiar de — empalidecer.
entronizar — colocar no trono.
enxovalhada — emporcalhada, muito suja.
epístola — carta.
epopéia — poema longo que relata feitos heróicos.
escangotar — sacudir pelo cangote.
escarranchar — montar, sentar de pernas abertas.
esconjurar — exorcizar, fazer
orações para se livrar de espíritos maus.
esconso — inclinado, enviesado.
escrúpulo — cuidado, zelo.
esplendor — brilho, grandeza.
estrela — que tem mancha branca na cabeça.
estresilhado — exausto.
estúrdio — esquisito.
expectante — que espera.

— F

fanerógamo — plantas que têm órgãos reprodutores aparentes, bem visíveis.

fascista — ditador, antidemocrático.
felino — animal da família dos gatos, leões, onças etc.
fenecer — murchar, morrer.
fiança — confiança.
fitar — fixar os olhos em.
friúme — o mesmo que friúra, frieza.
furtivo — rápido e meio escondido.

— G

“gentleman” — homem muito educado.

grotão — depressão funda entre montanhas.

— H

hiena — animal de hábitos noturnos que se alimenta de cadáveres.

hipocrisia — fingimento, falsidade.

— I

íbis — ave pernalta aquática.

impropério — repreensão ofensiva.

insinuar — dar a entender, sem falar claramente.

instância — insistência.

instintivamente — feito sem pensar.

irresolutas — indecisas.

— J

jaó — ave de caça do sertão, de carne muito apreciada.

— L

le — forma popular de lhe.

lisura — honestidade.

— M

mercantil — relativo ao comércio.

mezinha — remédio caseiro.

mofino — covarde.

monocotiledônea — planta com semente que não é dividida, como o milho e o arroz.

— P

patativa — ave de canto melodioso.

patinhar — o mesmo que patinar, andar sem sair do lugar.

perambreira — abismo, precipício.

picardia — esperteza, astúcia.

pleito — eleição.

— Q

queimado — cavalo de pêlo avermelhado.

— R

recapitular — trazer novamente à lembrança.

recato — modéstia, simplicidade.

redoma — grande cobertura de vidro arredondada.

Regência — período em que o Brasil foi governado por regentes.

relancear — olhar rapidamente.

reliquia — coisa preciosa.

ressentimento — mágoa.

ressonar — roncar.

ríspido — grosseiro, severo, rude.

— S

salpicar — polvilhar, esparramar sobre.

sequito — comitiva, cortejo.

serenidade — calma, mansidão.

sintaxe — construção gramatical.

siso — juízo, bom senso.

slogan — frase curta, fácil de lembrar, que se usa muito em propaganda.

soberano — absoluto, único.

soberba — majestosa.

sorrrateiramente — de modo escondido, disfarçadamente.

sueto — falta à aula por vadiagem.

suflagrante — momento presente.

surto eloquente — acesso de fala entusiasmada.

sutil — quase imperceptível.

— T

“te-déum” — canto de louvor a Deus.

tesa — esticada, justa.

tino — orientação.

tostão — antiga moeda brasileira de níquel.

— V

vancê — forma popular de você.

viageia — forma popular de viaja.

vilania — ato reprovável.

vintém — moeda brasileira de cobre.

— Z

zorro — raposo.